



OS LUGARES DE MEMÓRIA DAS ESCOLAS DE SAMBA

FERREIRA, Júlio César Valente

Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO

Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – UnED Nova Iguaçu

jcvferreira@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os lugares de performance das escolas de samba do Rio de Janeiro entendendo-os como lugares de memória. Baseado na definição de lugar como espaço socialmente construído, busca-se neste artigo trabalhar os lugares de memória como espaços onde a memória opera na cidade. Como forma de balizar esta discussão, será utilizado o conceito de lugares de memória proposto por Pierre Nora e as transformações que sofreu por conta de sua ampla difusão.

Palavras-chave: Lugar de memória. Espaço. Escolas de samba.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the place of performance of the samba schools of Rio de Janeiro understanding them as places of memory. Based on the definition of place as socially constructed space, this article seeks to work places of memory as spaces where memory operates in the city. As a way to delimit this discussion, the concept of places of memory proposed by Pierre Nora and the transformations that suffered because of their wide dissemination will be used.

Key-words: Place of memory. Space. Samba schools.

INTRODUÇÃO

A memória se inscreve em um contexto espacial e temporal demarcado. Recordar é um ato coletivo, o qual se insere a um contexto social e relacional e a um tempo que comporta uma construção. Segundo Halbwachs (2004), a lembrança construída pelos indivíduos se deve à existência dos quadros sociais da memória; mecanismos que ordenam, induzem e até mesmo alteram as lembranças particulares. O espaço é um destes quadros e através deste meio servem-se diferentes memórias coletivas para lembrar, esquecer, enfatizar, esconder, construir e destruir o que está próximo ou distante.

Os lugares de memória surgem como uma das consequências da memória como preocupação central da cultura e da política da sociedade ocidental. Segundo Huyssen (2000), por meio de uma memorialização através da edificação de lugares de memória, a sociedade busca a memória total, musealizando o mundo. Para o autor, esta estratégia tenta ancorar a existência humana em uma realidade cada vez mais caracterizada pela instabilidade do tempo e



fraturamento do espaço. Com isto, seguindo a linha de raciocínio exposta pelo autor, considera-se necessária a existência de lugares que também sejam portadores de uma identidade cultural cristalizada frente ao sujeito moderno desestabilizado.

Porém, conforme postulam Gondar e Dodebei (2005), a memória está inserida em um campo de lutas e de relações de poder, estabelecendo um contínuo confronto entre lembrança e esquecimento. Desta forma, os lugares de memória se conformam como arenas onde estas disputas ocorrem em diálogo com todos aqueles que travam contato com eles.

OS LUGARES DE MEMÓRIA DE PIERRE NORA

A obra *Les lieux de mémoires* organizado por Pierre Nora ao longo de quase dez anos (1984 a 1993) introduz um novo olhar sobre a história francesa, propondo um debate sobre memória e história. Na introdução deste empreendimento, única parte traduzida para a língua portuguesa, Nora (1993) explicita a conveniência dos lugares de memória no conflito entre memória e história. No início de suas considerações sobre lugares de memória, Nora (1993) apresenta as motivações e a emergência de sua constituição:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 1)

Gondar e Dodebei (2005) analisam da seguinte forma a formulação de lugares de memória proposta por Nora (1993):

Ele busca responder ao problema da perda das identidades nacionais e comunitárias que garantiam a conservação e a transmissão de valores, e que denomina meios de memória. Criamos lugares para ancorar a memória, para compensar a perda dos meios de memória, como um modo de reparar o dano. Subentende-se aqui o lamento pelo esfacelamento das tradições, assim com a crença de que devemos contrabalançar essa perda de algum modo. Dito isto de outro modo, o argumento de Nora é compensatório, e se baseia na ideia de que os modos de vida perdidos são os modos certos de viver. (GONDAR; DODEBEI, 2003, p. 9)

Este argumento baseado na perda também é destacado por Whitehead (2009), a qual destaca que os lugares de memória de Nora representam certa melancolia cultural, imbuído do senso de que algo essencial foi perdido nos valores nacionais e culturais franceses. Nora (1993)



busca com esta proposta construir um lugar de salvaguarda da memória nacional, sem que a mesma pudesse sofrer qualquer direcionamento político.

Associado ao conceito de lugar de memória proposto por Nora (1993), há uma perspectiva essencialista da identidade articulando-se com hipótese de que a memória não é espontânea e necessita de uma base para ser ativada. Desta forma, este autor então defende a necessidade de criar arquivos e estabelecer rituais e cerimônias, porque se ‘ (...) vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis.’ (NORA, 1993, p. 13).

Porém, alerta que:

O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar. (...) Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente (...). (NORA, 1993, p. 15)

Nora (1993) explicita que os lugares de memória funcionam em graus diferentes como materiais (onde a memória coletiva se investe de uma dimensão simbólica e de identidades sociais comuns ao grupo), simbólicos (que expressam as vivências e experiências ocorridas no passado dessa memória coletiva) e funcionais (possuem a função de preservar, manter e transmitir as memórias coletivas). Forjados pela disputa entre memória e história e imbuídos da vontade de memória (pois senão seriam somente lugares de história), cabe aos lugares de memória a tentativa de refrear o esquecimento.

Para o autor, um lugar de memória somente o é de fato se estiver revestido de uma aura simbólica e o mesmo não precisa estar associado a um território demarcado. ‘Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.’ (NORA, 1993, p. 27).

Gonçalves (2012) destaca que a grande difusão do termo “lugares de memória” ocorreu devido ao seu uso no campo do patrimônio cultural. Desta forma, o conceito ficou mais restritamente observado ao campo material, apesar de Nora destacar mais o caráter simbólico e imaterial.

A trajetória da recepção da noção de “lugares de memória” tornou-a atravessada por apropriações diversas, críticas e controvérsias. Apresentada de forma mais sistemática por Pierre Nora, em função da necessidade de esclarecer os leitores acerca do escopo da obra *Les lieux de mémoire*,



extrapolou aquele projeto editorial e os objetos de estudo ali contemplados, ganhando novos usos. No caso francês, uso político, no âmbito das batalhas de memória, bem como uso jurídico e técnico, no campo institucional do patrimônio cultural, ou ainda uso turístico. (GONÇALVES, 2012, p. 29-30)

Nora (1997 apud GONÇALVES, 2012) escreve sobre a recepção do conceito de lugares de memórias e realça as formas de apropriação deste conceito:

Uma expressão inusitada [lugares de memória], forjada pelas necessidades da causa, escapou de seu inventor para se tornar, com uma velocidade recorde, uma locução do vocabulário comum. Ao mesmo tempo, a noção, teorizada aqui [na obra] há oito anos no primeiro volume, gerou, na França como no estrangeiro, múltiplos canteiros, e ao lado de cópias mais ou menos fiéis e de utilizações abusivas, aplicações frequentemente fecundas. (NORA, 1997, p. 2219 apud GONÇALVES, 2012, p. 33)

Reconhecendo esta difusão do conceito e as possibilidades criadas de interpretação, segundo Gonçalves (2012), Nora diminui ao longo dos volumes que compõem o empreendimento (a obra *Les lieux de mémoires*) a ênfase da “vontade de memória” para a constituição dos lugares de memória, retirando a força do aspecto político destes lugares e estreitando os vínculos com o patrimônio.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIDADE E LUGAR

Memória e identidade são negociadas e não devem entendidas como essências de um indivíduo ou coletividade. A partir do momento em que a memória expressa sentimentos de continuidade ou coerência na reconstrução de si, ela se faz parte como elemento constituinte do sentimento de identidade.

Este processo de construção de identidade é explanado por Hall (2005):

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2005, p. 21)

Sobre o espaço, Gupta e Ferguson (2000) alertam que o mesmo não é uma entidade neutra, onde se inscrevem a diferença cultural, a memória e a organização social. Desta forma, o espaço é um princípio organizador central, mas não incluído na esfera de ação analítica.

A memória social requer lugares e tende à espacialização. Estes lugares não somente são locais de interação, mas símbolos de uma determinada identidade, podendo também se tornar pontos de referência onde se travam os conflitos entre lembrança e esquecimento.



(BAER, 2010). A relação entre memória e espaço pode ser entendida a partir do momento em que se consideram os lugares de memória, pois o lugar é compreendido como o espaço socialmente construído (BAER, 2010).

Gonçalves (2013) postula que os lugares não são definidos externamente ao sujeito, mas construídos nas interações sociais, reafirmando a consideração de que um lugar não se limita a espaços territorializados. Mesmo o distanciamento físico, a descontinuidade territorial e o intervalo temporal não impedem a conexão entre pessoas e lugares. Gupta e Ferguson (2000) apontam que esta não definição também se baseia na capacidade das pessoas movimentarem-se fisicamente ou atuarem politicamente, confundindo as ordens espaciais dadas.

Ao avançar nessa discussão, o lugar não é mais um dado essencializado proposto de forma unidirecional pelo pesquisador, mas deve dialogar com as diferentes possibilidades de experimentação deste espaço promovidas pelos indivíduos e pelas coletividades. A conexão entre sentimento e proximidade atualiza-se em cenários variados de identificação com os lugares. Desta forma, as relações de poder inerentes às experiências dos lugares devem ser observadas por quem pretende analisá-los.

Mas, ao trazer sempre para o primeiro plano a distribuição espacial de relações de poder hierárquicas, podemos entender melhor o processo pelo qual um espaço adquire uma identidade distintiva como lugar. Não nos esquecendo de que as noções de localidade ou comunidade referem-se tanto a um espaço físico demarcado quanto a agrupamentos de interação, podemos perceber que a identidade de um lugar surge da interseção entre seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e a sua construção cultural como comunidade ou localidade. (GUPTA; FERGUSON, 2000, p. 34)

Estas relações que compõem o processo de produção da diferença se dão em um espaço contínuo, conectado e atravessado por relações econômicas e políticas de desigualdade. E o próprio lugar não é apenas experimentado através de forças políticas e econômicas, mas também produz ou auxilia esta produção da diferença alimentando estas forças (GUPTA; FERGUSON, 2000).

Com isto, as certezas e fixações culturais ficam perturbadas, deslocalizando inclusive quem permanece no mesmo lugar, o qual experimenta a mudança de relação com ele e rompe a ilusão de uma ligação essencial entre lugar e cultura. Desta forma,

(...) se torna possível imaginar uma interpretação alternativa do lugar. Nessa interpretação, o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação



particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num locus particular. (MASSEY, 2000, p. 184)

Diante destas questões, Massey (2000) propõe um conceito “progressista” de lugar, o qual será adotado neste trabalho para uma visão mais abrangente dos lugares de memória:

- (i) O lugar não é absolutamente estático. O lugar pode ser conceituado em relação às interações que agrupam e estas são processos, isto é, não são inertes.
- (ii) O lugar não possui fronteira no sentido territorial. A contraposição ao exterior deve ser substituída pela análise da particularidade da ligação com o exterior.
- (iii) O lugar não possui identidade única ou singular, estando pleno de conflitos internos.

Por fim, Massey (2000) salienta:

Finalmente, nada disso nega o lugar nem a importância da singularidade de um lugar. A especificidade de um lugar é continuamente reproduzida, mas não é uma especificidade de uma história longa, internalizada. Há várias fontes dessa especificidade – da singularidade do lugar. Há o fato de que as relações sociais mais amplas, nas quais o lugar se encaixa, são também geograficamente diferenciadas. A globalização (na economia, na cultura ou em qualquer outra coisa) não acarreta simplesmente a homogeneização. Ao contrário, a globalização das relações sociais é uma outra fonte (da reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar. Há a especificidade do lugar que deriva do fato de que cada lugar é o centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com as mais locais. Há o fato de que essa mesma mistura em um lugar pode produzir efeitos que poderiam não ocorrer de outra maneira. Finalmente, todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade dessa história, além de interagir com essa própria história imaginada como o produto de camadas superpostas de diferentes conjuntos de ligações tanto locais quanto com o mundo mais amplo. (MASSEY, 2000, p. 185)

PARA ALÉM DOS LUGARES DE MEMÓRIA DE NORA NAS ESCOLAS DE SAMBA

O conceito de lugares de memória estabelecido por Nora foi formulado em condições muito específicas. O mesmo foi gerado através do diagnóstico da rápida desaparecimento da memória nacional francesa tendo como recorte analítico o tempo presente, a sociedade francesa e a hipótese fundamental de que há vínculos entre a permanência de uma memória nacional francesa e certos elementos, ditos lugares (GONÇALVES, 2012).

Ao longo do empreendimento, ao redirecionar a especificidade dos lugares de memória, Nora mostrou-se preocupado com o sentido do conceito, pois ‘o rastro pode se voltar contra aquele que o deixou e até ameaçar sua segurança (GAGNEBIN, 2006, p. 115).



(...) Pierre Nora esclareceu o que entendia ter sido o desafio desse tomo [o terceiro do empreendimento]: “saber se a noção [de lugares de memória] significava ainda alguma coisa quando aplicada aos lugares comuns da memória coletiva e sobretudo se permitia fazer com que se dissesse sobre esses temas algo que não se soubesse deles.” (NORA, 2011, p. 444 apud GONÇALVES, 2012, p. 36).

Dentre outras críticas que o empreendimento de Nora sofreu, Enders (1993) pontua a imprecisão da noção de lugares de memória que perpassa a obra, alegando que este conceito pode denotar um objeto, um método, ora a memória, ora o trabalho do historiador. Outra crítica partiu de Tony Judt, que acusa o empreendimento de perder seu foco metodológico ao ampliar em demasia o conceito de lugares de memória (GONÇALVES, 2012). Whitehead (2009) destaca que Nora optou por se esquivar das tensões entre memória e esquecimento.

Entretanto, há uma questão interessante levantada por Nora (1993) sobre a democratização da história, possibilitando o processo de afirmação de identidades de coletividades suportadas pelos lugares de memória. Para o autor, memória e identidade estariam então ligadas pela obrigação, sendo que a autenticidade da identidade e a veracidade da memória reforçar-se-iam mutuamente.

Inicialmente, Nora reforçou os lugares de memória não como repositórios (ao contrário do que ocorreu na trajetória dada pela apropriação posterior e que se popularizou), mas como espécies de oficinas, elementos a partir dos quais a memória trabalha. Considerando esta primeira abordagem, o lugar de memória é um dos polos por onde circula a inscrição, segundo Latour (2004), sendo a informação uma relação estabelecida entre dois lugares. Baseado em Latour (2004), pode-se afirmar que, nesta relação, um polo negocia o que deve retirar do lugar de memória sem prescindir do controle que opera sobre ele.

Latour (2004) sinaliza que instituições como bibliotecas, laboratórios e coleções (e, por extensão de raciocínio, postula-se esta mesma afirmação para os demais lugares de memória) não são simples meios, os quais poderiam ser eliminados sob a hipótese de que os fenômenos fariam por si mesmos. Na realidade, estes lugares compõem também os fenômenos, os quais somente constituem-se como tal a partir das transformações operadas nas inscrições que circulam entre dois polos. Os lugares de memória são lugares de referência e identificação para determinadas pessoas ou grupos, os quais nutrem sentimentos de pertencimento e localização.

Assmann (2011) argumenta que a memória não é essencializada, pois além de indivíduos, diversas coletividades também lembram. Com isto, a autora destaca que os modos de recordar são muitos e variados, sendo definidos culturalmente. Desta forma, reafirma-se a



proposta dos lugares de memória como oficinas a partir das quais a memória trabalha. Entretanto, Assmann (2011) amplia esta possibilidade de operação não somente através dos indivíduos. Com isto, discordando de Nora, os lugares de memória não se tornam ancoradouros de enquadramento da memória pela história.

Ampliando o escopo dos lugares de memória, incluindo as operações descritas anteriormente, trabalha-se este conceito em condições de contorno mais amplas, de acordo com o conceito de lugar proposto por Massey (2000). Conforme postula Gagnebin (2006), a escrita como rastro ao acaso se dá pelo fato de que a mesma não pertence mais ao autor, pois cada um pode lê-lo por diferentes perspectivas e suscitar digressões diferentes, que nem mesmo o autor original previa.

O carnaval da cidade do Rio de Janeiro se manifesta em um espaço urbano, o qual ocupa e conforma determinados lugares, mesmo que, em alguns casos, somente durante uma parte do ano. ‘(...) a cidade – lugar privilegiado da memória – se realiza como espaço de concentração e poder político, simbólico, tecnológico e relacional, um conglomerado de signos e enunciados.’ (MORAES, 2005, p. 95).

Sobre a hierarquia dos grupos de escolas de samba que desfilam na cidade do Rio de Janeiro, o Grupo Especial é aquele no qual se encontram as principais escolas de samba, sendo organizado pela LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba). Seguindo a hierarquia, tem-se o primeiro grupo de acesso (denominado Série A), gerenciado pela LIERJ (Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) e os demais grupos de acesso (denominados Grupos de Acesso B, C e D), organizados pela AESCRJ (Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro). A Figura 1 detalha algumas informações sobre estas divisões.



Figura 1 – Informações sobre as divisões hierárquicas das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Grupo	Entidade Organizadora	Dia e Local de desfile	Participantes em 2013	Locais de Preparação	Classificação Neutra
Especial	LIESA	Domíngo/Segunda – Av.Marquês de Sapucaí	12	Cidade do Samba	1ª Divisão
Série A	LIERJ	Sexta/Sábado – Av.Marquês de Sapucaí	19	Galpões na região central da cidade	2ª Divisão
Acesso B	AESCRJ	Domingo – Av. Intendente Magalhães	13	Carandiru e espaços na região da quadra	3ª Divisão
Acesso C	AESCRJ	Segunda – Av. Intendente Magalhães	12	Carandiru e espaços na região da quadra	4ª Divisão
Acesso D	AESCRJ	Terça – Av. Intendente Magalhães	12	Carandiru e espaços na região da quadra	5ª Divisão

Figura 1 – Informações sobre as divisões hierárquicas das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Com relação às escolas de samba, identificam-se três lugares onde operam os processos de estruturação da memória e da identidade: as quadras, os barracões e as pistas de desfile.

As diversas experiências promovidas pela ocupação de espaços públicos, das rodas de samba e de sua execução nas escolas, permearam sociabilidades e arranjos espaciais que indicam resistências e segregações próprias do processo de formação urbana não só da cidade do Rio, mas também dos lugares em outras cidades, levando consigo alguns dos seus sentidos. De forma dinâmica, o samba e a experiência das conexões entre pessoas, tempos e espaços delimitaram lugares, marcaram e atravessaram fronteiras entre ruas, becos, bairros, “morro e asfalto”, deslocaram-se, refiram-se em novos arranjos locais, nacionais, e transnacionais. (GONÇALVES, 2013, p. 111)

Quadras

As quadras das escolas de samba são lugares marcadamente apoiados em espaços físicos delimitados cartograficamente. Idealmente, as quadras das escolas de samba funcionam como lugares para todos os seus integrantes, que a vivenciam cotidianamente ou não e



relacionam-se com ela a partir de um forte sentimento de pertença. As quadras podem ser analisadas tendo ao mesmo tempo um lugar com dimensão física e simbólica e tendo diversos lugares reservados a funções específicas e frequentados por pessoas distintas dentro das escolas. Desta forma, para o frequentador há uma relação topofílica com a quadra, que é geral para todos que a vivenciam e específica com os seus lugares que ocupam na agremiação.

Além da região central, onde os componentes se encontram para ensaiar o canto e a evolução para o desfile, por exemplo, de forma geral, há o local destinado aos troféus e condecorações, às salas das diretorias (parte administrativa) e a alguns segmentos da agremiação como bateria e velha-guarda da agremiação (que reúne os componentes mais antigos). No caso da bateria, considerada o “coração” de qualquer escola de samba, pois é responsável pela parte musical da agremiação, sempre há um espaço reservado para a apresentação e ensaio da mesma, geralmente em um palanque elevado.

Em alguns casos, há a existência de camarotes na quadra da escola de samba, o que denota uma separação física dos que ocupam postos de destaque na agremiação ou pagam para ter este privilégio em relação aos demais frequentadores da quadra. No caso deste setor não existir, há a reserva de local para dirigentes e convidados da diretoria em eventos importantes como a final da escolha do samba-enredo. Também, verifica-se em algumas quadras o uso para o desenvolvimento de ações sociais que unem programas de lazer, educação, esporte e qualificação profissional.

Durante os eventos promovidos pela escola de samba em sua quadra, geralmente são cantados os sambas-enredos mais marcantes, considerando não somente aqueles que embalsam conquistas, mas também que remetem a um fato ou conjuntura passada sempre lembrada pelos componentes, mesmo aqueles que não a vivenciaram. Neste caso, o caráter espacial da memória é reforçado através da ideia do lugar como local de preservação do passado vivido pelos integrantes da agremiação, tornando este tempo vivo e mantenedor do fluxo simbólico irradiado pela agremiação onde, através do samba, os frequentadores buscam atingir a felicidade, pois ‘procuram paz (...) e um tipo de refúgio do tumulto’ (MASSEY, 2000, p. 181).

A quadra também centraliza as atividades administrativas e sedia as reuniões de preparação para o carnaval. Nestes momentos, as relações de poder que permeiam as agremiações se revelam de maneira clara, posicionando os membros da diretoria de acordo com seu papel e importância para o desfile da agremiação.



Outro aspecto importante nas quadras é relativo ao patrimônio da agremiação. Além de todos os equipamentos necessários ao funcionamento da quadra, as mesmas são utilizadas para a guarda de peças da bateria e, em alguns casos quando o espaço do barracão é reduzido, de fantasias e esculturas de carnavais anteriores ou obtidas em outras locais. A visualização destes elementos revela a rede de relações estabelecidas com outras agremiações e a capacidade de reunir e conservar parte dos elementos necessários para a produção do desfile.

Dentro da dinâmica de conflito entre lembrança e esquecimento, nas quadras encontram-se os departamentos culturais das escolas de samba, cuja uma das responsabilidades é reunir documentos e preservar o patrimônio histórico da agremiação. Porém, na maioria das agremiações, não existem ações de armazenamento de documentos relativos à entidade. A justificativa para isto não passa por causas econômicas, pois se trata de um problema estrutural das escolas de samba, independente de sua posição na hierarquia competitiva. As ações de salvaguarda e de memória ficam invisibilizadas quando necessidades atuais e emergenciais (como o financiamento para o desfile) atropelam esta realidade.

Ferreira (2008) destaca o problema dos espaços reduzidos da grande metrópole. Mesmo nos subúrbios (onde fica grande parte das quadras), há o conflito com a linguagem monumental das escolas de samba, o que afeta sua dinâmica. Também, o espaço configura a memória através do formato e do tamanho do espaço físico para armazenamento do acervo.

Grande parte das pessoas que frequentam a quadra de uma escola de samba reside na localidade. Porém, outra parcela necessita se deslocar de outras localidades para chegar à quadra. Esta parcela que se desloca não é somente formada por visitantes e admiradores de uma determinada escola de samba, mas também por alguns membros da diretoria e componentes. Massey (2000) pontua que ‘um dos problemas, nesse sentido, tem sido a identificação insistente do lugar com a “comunidade”’: trata-se de uma identificação equivocada’ (MASSEY, 2000, p. 183). Além disso, com o auxílio das tecnologias de informação, estabelecem-se comunidades virtuais onde os membros (integrantes e torcedores) se relacionam compartilhando informações, opiniões e saberes, eliminando as fronteiras territoriais da quadra.

Mas, o sentimento de pertencimento e a experiência sofrem variações ao longo do tempo. E a quadra é o indicador deste processo, pois a presença neste espaço é mais requerida durante o ano para o integrante da agremiação (o desfile somente ocorre uma vez ao ano). As escolas de samba geralmente sofrem com o fluxo migratório de pessoas que abandonam e retornam à agremiação conforme a mesma se classifica entre as primeiras ou entre as últimas



após o desfile. Em uma das entrevistas conduzidas e descritas por Ferreira (2008), a presidente da Velha Guarda de uma escola de samba declarou que:

Lidar com o pessoal da comunidade não é mole não. O povo diz logo: - vamos procurar outra escola, arrumar outra, isso aí vai acabar mesmo, vai abrir orfanato, asilo de velho, vamos pra outra. (FERREIRA, 2008, p. 125)

Barracões

O barracão é o nome dado ao local onde são produzidos os elementos plásticos de um desfile de uma escola de samba, isto é, as fantasias e os carros alegóricos. Teoricamente, é o lugar mais fechado às influências externas, pois, basicamente, quem circula em seu interior são os trabalhadores contratados e membros da diretoria da agremiação.

Além de serem utilizados galpões e as próprias quadras para a produção dos elementos plásticos, Barbieri (2009) especifica dois lugares coletivos para os barracões das escolas de samba do Rio de Janeiro. O primeiro é conhecido como Cidade do Samba e aloca todas as agremiações do Grupo Especial, sendo este espaço construído pelo poder público e destinado à LIESA para gerenciá-lo. O outro é conhecido como “Carandiru” e recebe grande parte das escolas de samba dos últimos grupos de acesso, sendo um antigo depósito de bebidas próximo ao local de desfiles, onde as escolas de samba preparam suas alegorias em condições muito precárias no que tange às instalações disponíveis.

Conforme destaca Valença (2006), a formação da mão de obra que trabalha nestes lugares é realizada no próprio espaço. Segundo a autora, a ideia de uma formação que se dá ao longo do tempo no ambiente de trabalho é tão arraigada, que mesmo aqueles trabalhadores que tiveram acesso à formação escolar e/ou profissional ressaltam a sua importância. Geralmente, quando questionados, os trabalhadores apontam o barracão como um lugar de aprendizado tão importante quanto a escola, ressaltando que os conhecimentos trabalhados no barracão não são operacionalizados nos espaços de educação formal e que os mesmos são transmitidos de forma demonstrativa e experimental. Desta forma, o barracão é o lugar privilegiado de formação dos trabalhadores para o carnaval. Além disso, Valença (2006) pontua que a aprendizagem dos trabalhadores também ocorre pelo fato deles circularem pelos diversos setores existentes no barracão, não ficando limitado somente à sua seção.

Sireyjol e Ferreira (2010) constataram que os trabalhadores circulam de um barracão para outro a cada ano, prestando serviços para outra escola de samba no ano seguinte ou atendendo mais de uma agremiação ao mesmo tempo. Esta circulação estabelece redes



profissionais, as quais são acionadas quando uma escola de samba contrata trabalhadores. Os autores relatam também que nem sempre os trabalhadores torcem pela agremiação onde prestam serviços. Desta forma, a associação sentimental entre funcionários e escola de samba não é imediata.

Sobre o local coletivo das escolas de samba do Grupo Especial, Barbieri (2009) verifica a tentativa de musealização deste espaço ao descrever o projeto da Cidade do Samba, que prevê a realização de exposições, espetáculos e uma visita guiada ao interior dos barracões. Este empreendimento possui locais onde os visitantes podem visualizar a confecção dos carros alegóricos, o que desagradou grande parte dos carnavalescos e comissões de carnaval, pois alegam que o produto somente pode ser mostrado no momento do desfile, e não antes. Atualmente, estas visitas estão suspensas, mas sempre surgem críticas por conta de que esta atitude seria um contrassenso perante a diretriz de transformar o desfile das escolas de samba em um recurso. Ainda na seara da disputa entre tradição e modernidade, há a questão da não transformação dos modos de produção:

Ao contrário do que apregoam muitos sambistas e idealizadores da Cidade do Samba, os preceitos da modernidade restringem-se às decisões administrativas ligadas ao condomínio e ao funcionamento de uma “cidade de fluxos”. Não atingem, portanto, a forma de organização desses processos de trabalho que sempre vigoraram no barracão. Por esse motivo, os prédios, que compõem a Cidade do Samba, permanecem sendo “barracão dos sonhos” e não “fábrica dos sonhos”. (BLASS, 2008, p. 85)

Por fim, destaca-se a mobilidade das esculturas entre os barracões das escolas de samba. Ferreira (2008) constata que muitas esculturas são utilizadas em carnavais seguidos. As mesmas são resignificadas e utilizadas no desfile de outra agremiação. Estes elementos circulantes revelam as redes de relações estabelecidas entre as agremiações para a montagem do carnaval, as quais podem ser explicadas por mecanismos de apadrinhamento de uma agremiação por outra ou por contatos profissionais estabelecidos por trabalhadores que já atuaram em outras agremiações. Estas redes revelam as possibilidades que as agremiações possuem para a montagem de seu carnaval quando necessitam de apoio externo e o prestígio do corpo dirigente de uma agremiação perante as demais.

Pistas de desfiles

Barbieri (2009) destaca a alteração do quadro da hierarquia competitiva. Para este autor, fica bastante evidente a separação e os privilégios obtidos por cada grupo, em relação ao nível que ocupa, no que se refere aos locais de preparação e de desfile.



Atualmente, o Grupo Especial e a Série A desfilam na Avenida Marquês de Sapucaí, situado no centro da cidade do Rio de Janeiro, com acesso fácil através de ônibus, trem e metrô. Desde a oficialização dos desfiles, ocorrida em 1935, estes grupos desfilam em locais situados na região central da cidade; sendo que, desde 1984, em ambiente construído especialmente para esta atividade, o Sambódromo.

No nível mais amplo da organização do carnaval, a LIESA se “apropria” do Sambódromo, não só mais um território “nobre”, no centro da cidade, território imbricado com os próprios relatos míticos das comunidades sambistas sobre o nascimento e evolução das escolas de samba (...). A noção de exclusividade espacial torna-se mais significativa quando se afastam destes locais as menores escolas. (FERREIRA, 2008, p. 65)

Os últimos grupos de acesso atualmente desfilam na Avenida Intendente Magalhães, situado no subúrbio da cidade, cujas formas de acesso por transporte de massa são algumas linhas de ônibus locais e outras poucas que partem do centro da cidade. Não há estações de trem ou metrô próximas a esta avenida e muito menos qualquer sistema organizado de estacionamento de automóveis particulares.

Até o ano de 1997, todos os grupos das escolas de samba que desfilam na cidade do Rio de Janeiro apresentavam-se em locais situados no centro da cidade. Esta transferência foi baseada em preceitos verificados em outras cidades do Brasil, onde as escolas de samba não são consideradas o principal produto turístico da época carnavalesca. Dentre os principais motivos alegados estão a comodidade de ocuparem espaços maiores e exclusivos e a liberação de locais mais “nobres” para manifestações de maior apelo de público e financeiro. Entretanto, Ferreira (2008) alerta que esta mudança revela um novo tipo de segregação, onde as manifestações consideradas “decadentes” ou de “pouco apelo popular” para o poder público são afastadas do centro da cidade pelas formas hegemônicas de manifestações carnavalescas.

Esta segregação também gera um processo de “invisibilização” das escolas de samba dos últimos grupos de acesso. Muitas agremiações que hoje desfilam na Avenida Intendente Magalhães já se apresentaram no Sambódromo. Ferreira (2008) constata que o discurso dos desfilantes e do público sempre remete ao fato de que determinada escola de samba “já foi grande”, “já desfilou na Sapucaí”. Em casos mais extremos, muitas agremiações são dadas como extintas, pois estão há muitos anos sem se apresentar no Sambódromo; e grande parte da mídia e do público se concentra basicamente nos desfiles da Avenida Marquês de Sapucaí

Ferreira (2008) destaca que a maioria das escolas destes grupos de acesso não aprovou a modificação do local de desfile, apesar de muitas estarem situadas próximas ao local de desfile,



facilitando e barateando o trabalho de transporte de fantasias, alegorias e desfilantes. Este autor afirma que a transferência ampliou a diferenciação hierárquica entre estas escolas e aquelas que desfilam no centro da cidade, pontuando elementos que balizam o caráter simbólico espacial do centro urbano como visibilidade positiva e comunicação de discursos a um público diferente daquele que frequenta a comunidade. Afinal, para quem produz um desfile carnavalesco (um espetáculo), não é interessante apresentá-lo somente a um público “caseiro”; e o centro da cidade representa esta possibilidade, incluindo públicos de diversos bairros da cidade e turistas brasileiros e estrangeiros, diferenciando-se completamente do público que frequenta a Avenida Intendente Magalhães, basicamente formado por moradores do entorno.

O que está em jogo na disputa pelo local de desfile é a oportunidade de uma comunicação mais eficiente, considerando o centro da cidade como local onde os discursos são potencialmente mais audíveis e reverberáveis. Para uma escola de samba, que produz um desfile, um show, a comodidade do desfile perto de casa parece não interessar muito: um dos significados da manifestação está no deslocamento do bairro de origem para o centro da cidade, local considerado neutro (já que não sedia nenhuma escola de samba), onde ela vai se medir tanto com as co-irmãs (através do desfile competitivo) quanto com outros tipos de brincadeiras carnavalescas (...). A construção de um sambódromo ou lugar da cidade escolhido para acolher uma passarela móvel, ganham um aspecto simbólico importante: significam conquista de espaço, de visibilidade, de ocupação da cidade de forma consciente, lúdica e estética. (FERREIRA, 2008, p. 176)

CONCLUSÕES

As interações ocorridas nos lugares de memória das escolas de samba mostram que o processo de recriação e transformação de uma cultura é permanente. A perpetuação de instituições e valores não ocorre somente por repasse de informação. O efeito produzido nos indivíduos e coletividades nos lugares de memória das escolas de samba se faz a partir do “empoderamento” por eles articulados (GONÇALVES, 2013).

Não devem ser compreendidos como territórios fixos, essencializados, (...), mas, em outra direção, como um arranjo complexo que serve para falar sobre, lembrar e experimentar lugares ocupados ao longo de mais de um século na cidade do Rio de Janeiro, e que extrapola os seus limites temporais e espaciais. Tais espaços se fazem criativamente, a partir de um envolvimento mais amplo entre a intersubjetividade constitutiva das pessoas e os ambientes que experimentam e habitam (...), tendo o samba e a “história” de suas pessoas e lugares como importantes referências. As narrativas e experiências nesses lugares são movidas por inúmeras motivações, envolvendo religiosidade, cosmologias, patrimônio, entretenimento. Todas elas constituem instrumentos de estar no mundo e apreendê-lo de modo a relacionar determinadas categorias sociais e pessoas a territórios historicamente segregados, ou em



disputa. Assim, o lugar não evoca uma única maneira de experienciá-lo ou de compreendê-lo. (GONÇALVES, 2013, p. 112)

Junto a esta discussão, questões sobre as formas de armazenamento e de interação com o patrimônio devem ser observadas para os lugares de memória, incluindo os verificáveis nas escolas de samba. Assmann (2011) ao alertar sobre a necessidade do armazenamento de informações questiona sobre tamanho da real demanda de armazenamento mundial que venha a ser indispensável para que inventário atual seja preservado. Com isso, a autora pergunta onde acaba a coleta desnecessária e onde começa o esquecimento legítimo. Entretanto, Santos (1993) destaca a posição de outra abordagem para o fenômeno, a qual considera que:

a configuração urbana moderna, o desenvolvimento tecnológico e a mobilidade extrema no tempo e no espaço não implicam alienação e amnésia, mas, pelo contrário, o encontro entre múltiplas e diferentes culturas, o que é avaliado como fator de enriquecimento cultural e de atualização do passado, sem precedentes na história da humanidade. Diversos autores têm argumentado que o esquecimento coletivo faz parte do processo de constituição social, uma vez que a memória é compreendida a partir de um processo seletivo que envolve tanto o lembrar quanto o esquecer. Em diferentes perspectivas teóricas, para alguns desses autores a memória que temos do passado é aquela que existe em instituições e estruturas coletivas, enquanto para outros o que temos do passado são atos de lembrar e esquecer como práticas sociais. Em ambos os casos, a "amnésia coletiva" nada mais é do que o esquecimento de determinados aspectos para que outros sobrevivam. (SANTOS, 1993, p. 70)

Estas indagações são importantes para que os lugares de memória não se tornem gigantes mecanismos de esquecimento, onde lá se encontrem somente aquilo que pode ser dito ou considerado como útil em um dado momento histórico (ASSMANN, 2011). Hoje, reconhecem-se espaços do cotidiano, produzidos por coletividades e portadores de referência identitária, eliminando o predomínio dos grandes símbolos nacionais e desestabilizando as ideias de cultura e identidade nacional, democratizando desta forma a constituição dos lugares de memória.

Por fim, cabe a preocupação exposta por Baer (2010) ao relacionar a problemática dos lugares de memória com a exploração turística e as tensões entre lugares autênticos e as representações ou reconstruções monumentais de passados imaginados.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.



BAER, Alejandro. La memoria social: breve guia para perplejos. In: SUCASAS, Alberto; ZAMORA, Jose Antonio (Orgs.). *Memoria – Política – Justicia: em dialogo con Reyes Mate*. Madrid: Editorial Trotta, 2010, p. 131-148.

BARBIERI, Ricardo José Oliveira. Cidade do Samba: do barracão de escola às fábricas de carnaval. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata de Sá. (Orgs.) *Carnaval em múltiplos planos*, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, p. 125-144.

BLASS, Leila Maria da Silva. Rompendo barreiras: a Cidade do Samba do Rio de Janeiro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 23, n. 66, 2008, p. 79-92.

ENDERS, Armelle. Les lieux de mémoires, dez anos depois. In: *Estudos Históricos*, n. 11, 1993, p. 132-137.

FERREIRA, Antônio Eugênio Araújo. *Valorizando a batucada: um estudo sobre as escolas de samba dos grupos de acesso C, D e E do Rio de Janeiro*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: *Historiae*, v. 3, n. 3, 2012, p. 27-46.

GONÇALVES, Renata de Sá. Eu sou o samba: sobre lugares, pessoas e pertencimento. In: *Sociedade e Cultura*, v. 16, n. 1, 2013, p. 105-115.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. Apresentação. In: _____ (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 7-10.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. Tradução Pedro Maia Soares. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000, p. 30-49.

HALBWACHS, Maurice. Los marcos sociales de la memoria. Tradução Manuel Antonio Baeza e Michel Mujica. Barcelona: Anthropos Editorial. Concepción: Universidad de la Concepción. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. Tradução Marcela Mortara. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 39-63.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. Tradução Pedro Maia Soares. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000, p. 176-185.



MORAES, Nilson Alves de. Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005, p. 89-104.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, n. 10, 1993, p. 7-28.

SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 8, n. 23, 1993, p. 70-84.

SIREYJOL, Patrícia; FERREIRA, Felipe. Artes do carnaval: trabalho e criação artística no barracão de uma escola de samba carioca. In: *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 7, n. 2, 2010, p. 165-181.

VALENÇA, Máslova Teixeira. Trabalho e educação nos barracões das escolas de samba: entre a conformação e a resistência. In: XXIX REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2006, Caxambu, *Anais...*, Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2006. 1 CD-ROM.

WHITEHEAD, Anne. *Memory*. London: Routledge, 2009.